

ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: DA LEITURA DE MUNDO À LEITURA DA PALAVRA

*Thaís Montalvão Pereira*¹
Universidade do Estado da Bahia

*Maria Eduarda Cardoso Seixas Souza*²
Universidade do Estado da Bahia

*Gisele Ferreira De Amorim*³
Universidade do Estado da Bahia

*Susane Martins da Silva Castro*⁴
Universidade do Estado da Bahia

Resumo: O presente artigo é resultado de reflexões das vivências do Estágio III, no qual se refere às contribuições da Alfabetização e Letramento no segundo ano do Ensino Fundamental de uma Escola Municipal localizada no oeste baiano. Este Estágio foi entendido na perspectiva de pesquisa e teve como objetivo promover a leitura e a escrita do mundo e da palavra como base para a construção da alfabetização e letramento, com vistas a compreender como essa auxilia nas aprendizagens. Os resultados e discussões aqui apresentadas estão fundamentados nos estudos de: FREIRE (1989); PIMENTA E LIMA (2006); FERREIRO E TEBEROSKI (1999); SOARES (2003); dentre outros. Nesse sentido, as reflexões tecidas neste trabalho foram construídas a partir dos dados que foram coletados através da pesquisa documental, observação, diário de campo, pesquisa-ação, privilegiando assim a abordagem qualitativa de pesquisa.

Palavras chaves: Alfabetização; Estágio; Letramento.

Introdução

No processo de formação de alunos criticamente letrados, faz-se presente o letramento e seu contexto teórico e metodológico como prática para alcançar os objetivos propostos e os direitos de aprendizagem das crianças do Ensino Fundamental. Alfabetização e letramento são

¹Thaís Montalvão Pereira

Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia, Campus XVII, Bom Jesus da Lapa.
Email: thais99mp@hotmail.com

²Maria Eduarda Cardoso Seixas Souza

Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia, Campus XVII, Bom Jesus da Lapa.
Email: mariaeduardacardoso940@gmail.com

³Gisele Ferreira De Amorim

Professora da Universidade do Estado da Bahia, Campus XVII, Bom Jesus da Lapa. Email:
gisele_ksgl@hotmail.com

⁴Susane Martins da Silva Castro

Professora da Universidade do Estado da Bahia, Campus XVII, Bom Jesus da Lapa. Email:
susanemartinsc@outlook.com

processos essenciais. É através deles que a leitura se torna uma compreensão cultural, social, histórica, científica e intencional. Neste sentido, esses estudos nascem da necessidade de compreender como a alfabetização e letramento vem acontecendo no âmbito da educação. O conhecimento das letras é apenas um meio para o letramento, pois o letramento é muito mais que codificar e decodificar letras, ele é um processo cultural, por isso muitas crianças já vão para a escola com o conhecimento alcançado de maneira informal construído no cotidiano.

Entende-se que o aluno é alfabetizado e letrado quando conhece o código, é capaz de usá-lo para decodificar e codificar e, além disso, reconhece as demandas sociais da leitura e da escrita, não se limitando a decodificação e codificação, entendendo a língua em seu contexto social, organizando discursos próprios, a fim de compreender e ser compreendido.

Nesse mesmo contexto, a proposta de alfabetização e letramento presente na Base Nacional Comum Curricular para os Anos Iniciais do Ensino Fundamental tem como foco a apropriação do sistema da língua. Quanto ao processo de apropriação da escrita, esse documento mantém o desafio já indicado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), ou seja, a tarefa de ampliar o trabalho com os novos gêneros textuais, também conhecidos como os textos multimodais.

A partir disso foi aplicado o projeto de intervenção no Estágio nos anos iniciais do Ensino fundamental, mais precisamente no segundo ano do Ensino Fundamental, com vistas a perceber como a leitura e a escrita do mundo e da palavra são bases para a construção da alfabetização e letramento, no qual foram trabalhadas atividades voltadas para leitura, escrita e interpretação, discussão de temáticas presentes no cotidiano e no dia a dia das crianças, prezando pela participação e escuta das opiniões dos discentes a partir dos textos trabalhados.

A pesquisa é de grande importância para o desenvolvimento do conhecimento científico na sociedade. Marconi e Lakatos (1996) salientam que: “A pesquisa sempre parte de um tipo de problema, de uma interrogação. Dessa maneira, ela vai responder às necessidades de conhecimento de certo problema ou fenômeno.” (p.16) Neste sentido, durante a prática do estágio buscaremos refletir sobre os problemas e indagações para compreender a dinâmica de trabalho na sala de aula.

A abordagem que demos à nossa pesquisa em estágio foi de pesquisa qualitativa onde: “[...] não se preocupa com a representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão [...]” (SILVEIRA; GERHARDT, 2009 p. 31). Levando em conta que a nossa pesquisa é em educação e o nosso foco não é o resultado em quantidade, mas uma compreensão mais aprofundada sobre as relações e o aprendizado. Os

procedimentos da pesquisa foram: a Pesquisa de Campo, em que “[...] o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio. A coleta de dados é feita nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem [...]” (SEVERINO, 2007 p. 123), em conjunto com a pesquisa bibliográfica:

[...] que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores [...] utiliza-se de dados ou de categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores e devidamente registradas. [...] o pesquisador trabalha a partir das contribuições dos autores [...]. (SEVERINO, 2007 p. 122)

Ou seja, para discutir o tema é preciso ir a campo conhecer o problema e procurar autores capazes de nos embasar teoricamente para compreendermos melhor a situação, pessoas que já estudaram e tiraram suas conclusões do mesmo assunto, que tiveram mais vivência e estudo podem nos auxiliar nesse processo.

A concepção de Estágio que adotamos para esse projeto de intervenção foi entendê-lo como espaço de pesquisa e de construção de conhecimento e reflexão sobre a realidade da sala de aula. Pimenta e Lima (2005, 2006) podem contribuir a respeito dessa discussão quando fala que:

[...] tendo por base a concepção do professor (ou futuro professor) como intelectual em processo de formação e a educação como processo dialético de desenvolvimento do homem historicamente situado, abriu espaço para um início de compreensão do estágio como uma investigação das práticas pedagógicas nas instituições educativas. (p.15)

Sendo assim, a perspectiva que temos de estágio é de que é um momento de investigação, problematização e de pesquisas que possibilite a reflexão das práticas, o conhecimento da realidade do espaço de atuação e permita discussões a cerca dessas questões para compreendê-las e melhor resolvê-las, contribuindo para uma formação mais completa.

A pesquisa documental foi realizada a partir da análise no Projeto Político Pedagógico da escola para compreendermos melhor a história, o contexto, o funcionamento e outras questões pertinentes desse processo de pesquisa e intervenção que será desenvolvida por meio da pesquisa-ação, por entender que: “[...] além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. [...]” (SEVERINO, 2007. p.120), neste sentido, para mediação da pesquisa-ação foram desenvolvidos planos de aula construídos à luz da necessidade da turma no momento da intervenção do estágio.

Diante disso, vimos a importância desses passos metodológicos para realizar a intervenção e compreendermos melhor as questões que envolvem a educação no ambiente de intervenção na Pesquisa e Estágio III no Ensino Fundamental I.

Pesquisa em estágio

Assim como as outras disciplinas do curso de Pedagogia, o estágio curricular tem grande importância no processo de formação, pois é neste tempo que os futuros professores têm o primeiro contato com a sala de aula e com o “ser docente”. Para muitas, o estágio é uma fase de decisão, porque é neste momento que se vê como será a atuação profissional.

O Estágio foi discutido nessa disciplina na perspectiva da pesquisa, do desenvolvimento do olhar pesquisador e buscando compreender os fenômenos dentro do seu contexto e trazer as dificuldades e fatos analisados para que haja discussão no espaço acadêmico, analisando as contribuições dos teóricos que já estudaram a área e construindo conhecimento científico. Pimenta e Lima (2006 p. 6) discutem que:

[...] o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução à atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. Nesse sentido, o estágio poderá se constituir em atividade de pesquisa. Para fundamentar essa concepção, proceder-se-á a uma análise dos diferentes enfoques que o estágio tem historicamente recebido nos cursos de formação de professores: *Até há um ano atrás eu tinha certeza de que estava tendo uma boa formação. Agora, estou chocada com a realidade daquelas crianças, e nem sei por onde começar. Na prática a teoria é outra.*

Muitas vezes ouvimos esse relato de que “na prática a teoria é outra”, pois ao depararmos com a realidade do ensino, sentimos dificuldade de agir sobre alguns problemas por não conseguir relacionar os conhecimentos teóricos com os práticos, gerando dúvidas quanto a solução, é preciso refletir e buscar embasamento teórico, criando uma práxis pedagógica capaz de intervir. Por isso o estágio é tão importante para a formação, possibilita o contato antes de se formar, para que as dúvidas e angústias sejam discutidas dentro do curso.

Diante disso Pimenta e Lima (2006) salientam:

É possível o estágio se realizar em forma de pesquisa? A pesquisa no estágio é uma estratégia, um método, uma possibilidade de formação do estagiário como futuro professor. Ela pode ser também uma possibilidade de formação e desenvolvimento dos professores da escola na relação com os estagiários. A pesquisa no estágio, como método de formação dos estagiários futuros

professores, se traduz pela mobilização de pesquisas que permitam a ampliação e análise dos contextos onde os estágios se realizam. Mas também e, em especial, na possibilidade de os estagiários desenvolverem postura e habilidades de pesquisador a partir das situações de estágio, elaborando projetos que lhes permitam ao mesmo tempo compreender e problematizar as situações que observam. (PIMENTA E LIMA, 2006, p. 14)

Já o Letramento surge segundo Soares (2006, p.15), no discurso dos especialistas nas áreas de Educação e de Ciências da Linguagem na segunda metade dos anos 80. Uma das primeiras ocorrências está no livro de Mary Kato, de 1986, em que a autora afirma que “... a chamada norma-padrão, ou língua falada culta é consequência do letramento, motivo por que indiretamente, é função da escola desenvolver no aluno o domínio da linguagem falada institucionalmente aceita”. (1986, p. 7). É interessante observar que, mesmo Kato não tendo definido o que é letramento, ser letrado não se trata apenas de saber ler e escrever.

Logo, fazer uma discussão em torno do letramento dirige-se a uma reflexão do termo escrita, levando em conta o papel que exerce em sociedades grafocêntricas enquanto bem cultural aliada ao conceito de letramento, uma vez que:

[...] foi inventada em decorrência da necessidade humana de ampliar as suas possibilidades de comunicar-se com seus pares e, nas sociedades em que é adotada, permeia quase todos os domínios nos quais as pessoas transitam cotidianamente [...] (LOPES, 2004, p. 20)

Nesse sentido, letrar é mais que alfabetizar. Alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever. Já letrado é aquele que sabe ler e produzir textos, dos mais variados gêneros e temas. Alfabetizar letrando é, portanto, ensinar a ler e escrever o mundo, ou seja, no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, tendo em vista que a linguagem é um fenômeno social.

Um ponto importante ao se tratar de prática pedagógica é reconhecer que os alunos já possuem conhecimentos anteriores, assim, é importante que os professores façam um diagnóstico do conhecimento de seus alunos, para saberem de onde devem partir e planejar suas atividades. O papel do professor é a de guiar o aluno na aquisição da diversificação linguística necessária para viver em sociedade. Analisar diferentes textos compará-los, pesquisar os porquês das diferenças, construir regras sobre o uso da língua e, a partir das descobertas, reescrever textos são práticas que produzem excelentes resultados na capacitação do aluno no uso da língua.

A apropriação do conhecimento pelos alunos exige esforço, mas também intervenção do professor. De acordo com o caderno Ano 2 e unidade 3 do PNAIC, alguns dos direitos de aprendizagem são:

Reconhecer diferentes tipos de letras, em situações de leitura de textos de diversos gêneros textuais. Usar diferentes tipos de letras em situações de escrita de palavras e textos (maiúscula / minúscula; imprensa / cursiva). Dominar as correspondências entre letras ou grupos de letras e seu valor sonoro, de modo a ler palavras formadas por diferentes estruturas silábicas. Dominar as correspondências entre letras ou grupos de letras e seu valor sonoro, de modo a escrever palavras formadas por diferentes estruturas silábicas. (BRASIL, 2012b, p. 20).

É possível perceber que o material do PNAIC, contribui bastante na formação continuada dos professores alfabetizadores. Mediante a necessidade de escolha de metodologias que orientem as práticas do professor alfabetizador e a preocupação na redução do fracasso no processo de alfabetização dos alunos, surgem a prática do letrar e alfabetizar.

Letrar e alfabetizar, embora pareçam ter o mesmo significado, são termos que se destinam a diferentes práticas. O letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita, por consequência, letramento é muito mais que alfabetização. A alfabetização é um processo formal, enquanto o letramento é uma prática social. Para desenvolver o processo de letramento é necessário que o indivíduo tenha contato constante com a leitura, o que pode ser feito por meio de jornais, revistas, livros, músicas, quadrinhos entre outras fontes que permitam uma reflexão sobre o que foi lido.

Nessa perspectiva Soares diz que o “Letramento é, pois o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”. (2006, p.18). Letramento é palavra e conceito contemporâneos, incluídos na linguagem da educação e das ciências linguísticas há pouco mais de duas décadas. É importante ter a noção de que Letramento não se trata de um conceito novo, mas da afirmação de um fenômeno que permaneceu oculto por muito tempo, por não ter significação no contexto social (SOARES, 2006).

Na sociedade atual, observa-se a importância que a leitura e a escrita tem sido na vida e no desenvolvimento social, com isso importante ressaltar a necessidade de aprender ler e escrever. Na atualidade, saber ler escrever tem se tornado insuficiente para a exigência moderna. De acordo Soares (2006) apenas ensinar a ler e a escrever é insuficiente, alcançar níveis de alfabetização funcional onde as pessoas lêem e escrevem e, no entanto, não são

capazes de fazer uso desse conhecimento numa esfera social já deixou de ser processo de ensino aprendizagem.

Sendo assim, é importante alfabetizar letrando para que a criança seja inserida no contexto cultural da sociedade, que está fundamentalmente relacionado à leitura. Durante o processo de ensino/aprendizagem o papel dos educadores é essencial, pois eles irão atuar como agentes facilitadores ao incentivar e guiar a criança ao longo de sua vida escolar.

Além disso, a alfabetização e o letramento devem caminhar lado a lado durante o processo de aprendizagem, uma vez que, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), o ensino da linguagem deve abordar três aspectos fundamentais: leitura, interpretação e escrita. Assim, como descreve Soares (2003, p.11):

Entretanto, o que lamentavelmente parece estar ocorrendo atualmente é que a percepção que se começa a ter, de que, se as crianças estão sendo, de certa forma, letradas na escola, não estão sendo alfabetizadas, parece estar conduzindo à solução de um retorno à alfabetização como processo autônomo, independente do letramento e anterior a ele.

Entende-se então que o letramento está intimamente ligado às práticas sociais, exigindo do indivíduo, uma visão do contexto social em que ele vive. Nesse caso, a alfabetização se torna uma prática centrada mais na individualidade de cada um e do letramento uma prática mais ampla e social.

Dentro do processo de aquisição da leitura e escrita, é de fundamental importância que se tenha consciência de que cada criança tem seu tempo de desenvolvimento, no qual se faz necessário o conhecimento dos diferentes níveis da linguagem escrita pelos quais passam cada criança.

Diante disso, Ferreiro e Teberosky (1999) salientam uma atual compreensão de escrita, ao explicar a forma como a criança aprende a ler e a escrever, ao definirem a evolução da escrita a partir das etapas sistemáticas (pré-silábica, silábica, silábica-alfabética e alfabética) pelas quais a criança passa durante o processo de aquisição da língua escrita, configurando um processo de interpretação ativa da criança acerca do funcionamento do sistema alfabético.

Na fase pré-silábica, a escrita é representada por desenhos e a criança produz rabiscos típicos da escrita. Na fase silábica, a criança desenvolve a hipótese de que a escrita representa partes da fala, sendo que cada letra representa uma sílaba. A fase silábico-alfabética representa o período de transição entre as fases silábica e alfabética, na qual a criança faz

análises acerca do que escreve, percebendo que uma sílaba não corresponde apenas a uma única letra, portanto,

[...] a criança abandona a hipótese silábica e descobre a necessidade de fazer uma análise que vá “mais além” da sílaba pelo conflito entre a hipóteses silábica e a exigência de quantidade mínima de letras e o conflito entre as formas gráficas que o meio lhe propõe e a leitura dessas formas em termos de hipóteses silábica (conflito entre uma experiência interna e uma realidade exterior ao próprio sujeito). (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 214)

A escrita alfabética constitui a fase final no processo de evolução da escrita, haja vista que a criança já se apropriou do sistema de representação da linguagem escrita, uma vez que [...] compreendeu que cada um dos caracteres da escrita corresponde a valores sonoros menores que a sílaba e realiza sistematicamente uma análise sonora dos fonemas das palavras que vai escrever [...] (FERREIRO; TEBEROSKY, 1999, p. 219)

As contribuições da teoria psicogenética Ferreiro e Teberosky ao processo de ensino e aprendizagem da língua escrita reconhecem a criança como sujeito ativo na construção da escrita, como também na importância dada ao professor quanto ao conhecimento de como o aluno aprende, propondo atividades de letramento e leitura como função social no processo de alfabetização, a fim de desenvolver uma aprendizagem significativa.

Dessa maneira, o conceito de alfabetização deve ir além da simples fato de codificar/decodificar, sendo entendido enquanto processo de vários lados e sistemático de aquisição da leitura e da escrita. O processo de aquisição da escrita deve considerar as práticas de letramento vivenciadas pela criança nos diferentes ambientes sociais, de modo que o processo de alfabetização esteja interligado com o letramento, resultando no processo do alfabetizar letrando. Os termos alfabetização e letramento apresentam características específicas e diversas no processo de aquisição e de domínio da leitura e da escrita, tendo a escola como a principal agência de veiculação de habilidades a serem desenvolvidas.

Da leitura de mundo à leitura da palavra

A partir dessa vertente, trabalhamos com a alfabetização na perspectiva do letramento, compreendemos que é importante ter nosso olhar voltado não só para a leitura da palavra, todavia a leitura de mundo é imprescindível para que a escola consiga seu objetivo de construir conhecimento e formar cidadãos para estarem aptos a assumirem um papel na sociedade.

Para discutir sobre esse assunto é de fundamental importância citar o que Paulo Freire contribuiu nesse entendimento sobre a Educação. Ele nos apresenta que a alfabetização:

[...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. (FREIRE, 1989 p. 9)

De acordo com Paulo Freire, a leitura de mundo vem antes da própria leitura da palavra, ou seja, é importante que a alfabetização escolar não ignore a realidade daqueles alunos e conseqüentemente, tudo que ele já conhece, pois desde seu nascimento ele já tem contato com objetos, com situações, pessoas, comportamentos culturais, costumes, dentre outras coisas que já o proporcionam a possibilidade de fazer uma leitura antes mesmo de saber decodificar o conjunto de letras. Dessa forma, “a compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.” (FREIRE, 1989)

Relatando a práxis

Para a realização do projeto de intervenção em estágio no ensino fundamental voltado para a alfabetização, achamos que seria relevante a compreensão da importância de contextualizar e de não pautar na mecanização, para que isso ocorresse buscamos possibilitar que os alunos compreendessem o significado bem como estivessem cientes do processo e da importância daquele conteúdo e suas funções na percepção do mundo através da leitura, escrita e interpretação. Nesse sentido Freire deu o seguinte exemplo:

A regência verbal, a sintaxe de concordância, o problema da crase, o sinclitismo pronominal, nada disso era reduzido por mim a tabletes de conhecimentos que devessem ser engolidos pelos estudantes. Tudo isso, pelo contrário, era proposto à curiosidade dos alunos de maneira dinâmica e viva, no corpo mesmo de textos, ora de autores que estudávamos, ora deles próprios, como objetos a serem desvelados e não como algo parado, cujo perfil eu descrevesse. Os alunos não tinham que memorizar mecanicamente a descrição do objeto, mas apreender a sua significação profunda. Só apreendendo-a seriam capazes de saber, por isso, de memorizá-la, de fixá-la. A memorização mecânica da descrição do objeto não se constitui em conhecimento do objeto. Por isso, é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela, portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala. (FREIRE, 1989. p. 11, 12.)

Como podemos perceber, aprender a regra pela regra torna a aprendizagem insignificante para o aprendiz, mas a partir do momento que essa regra é compreendida dentro do seu contexto, com seus objetivos e significados, ela é internalizada e compreendida, e não

memorizada correndo o risco de ser esquecida logo após. Para aprender a utilizar as regras ortográficas é importante compreendê-las na sua utilização em textos e contextos. Da mesma maneira, para se aprender a escrever e ler uma palavra, antes de aprender quais as letras darão um significado gráfico à palavra, é preciso conhecer e saber o que é aquele objeto.

Na verdade, tanto o alfabetizador quanto o alfabetizando, ao pegarem, por exemplo, um objeto, como laço agora com o que tenho entre os dedos, sentem o objeto, percebem o objeto sentido e são capazes de expressar verbalmente o objeto sentido e percebido. Como eu, o analfabeto é capaz de sentir a caneta, de perceber a caneta e de dizer caneta. Eu, porém, sou capaz de não apenas sentir a caneta, de perceber a caneta, de dizer caneta, mas também de escrever caneta e, conseqüentemente, de ler caneta. A alfabetização é a criação ou a montagem da expressão escrita da expressão oral. Esta montagem não pode ser feita pelo educador para ou sobre o alfabetizando. (FREIRE, 1989, p. 13)

Ou seja, o alfabetizando conhece palavras a partir do seu repertório cultural, ele fala, pois desde o seu nascimento introduz palavras e seus significados no seu vocabulário, mas no momento da alfabetização ele precisa de um significado gráfico àquela palavra que ele conhece oralmente.

Na etapa da alfabetização, o que se pretende não é ainda uma compreensão profunda da realidade que se está analisando, mas desenvolver aquela posição curiosa [...]; estimular a capacidade crítica dos alfabetizados enquanto sujeitos do conhecimento, desafiados pelo objeto a ser conhecido. É exatamente a experiência sistemática desta relação que é importante. A relação do sujeito que procura conhecer. (FREIRE, 1989, p. 26.)

Visto isso, ficou explícito a nossa compreensão da importância da leitura de mundo aliada com a leitura da palavra, dando significado, contexto, discutindo posições críticas dos alunos, promovendo a interpretação da palavra e do mundo dos alunos a partir do seu contexto social, visando à formação de alunos alfabetizados com capacidade de ler, escrever e compreender a importância do conhecimento em suas vidas e como isso pode transformar a sua realidade.

Uma das dificuldades mais notável dos educandos é a escrita e a leitura, a professora regente relata que trabalha bastante com eles o treino ortográfico é a leitura individual e coletiva para ver se consegue suprir essa dificuldade. Alguns alunos tinham dificuldades de leitura e escrita e alguns não compreendiam com clareza o que liam, mas possibilitamos que todos lessem e interpretassem. Os alunos participavam bastante e davam muitas opiniões, eles

demonstravam interesse em comentar a história, expor seu ponto de vista e gostavam muito de participar.

O convívio entre os alunos é bom, nos dias de observação eles não brigaram, apesar de ser uma turma agitada. No geral os alunos interagem muito bem entre si, observamos que todos conversam uns com os outros e não tinha nenhum caso de isolamento.

Durante os dias de intervenção nós trabalhamos com o gênero literário Conto. Realizamos diversas leituras coletivas de contos com as crianças, interpretávamos os contos e as crianças davam opiniões, outras vezes nós produzimos contos, as crianças cada uma pegavam uma imagem e começavam o conto e os colegas continuavam conforme suas imagens, alguns tiveram dificuldades, pela timidez e as vezes não falavam para os colegas a continuação da história, outros tinham uma oralidade e capacidade criativa muito desenvolvida e construíram muito bem o desfecho da história.

As crianças escreveram cartas com colegas como remetentes, quando não sabiam escrever as palavras nós ajudávamos e aquela palavra não era aprendida somente por aprender a escrever, mas tinha um significado para elas naquela carta, depois quem recebeu ia ler e atribuir um significado.

Foram lidos textos como: “o homem que amava caixas” e “o que é o amor” e as crianças falavam coisas muito interessantes e compreendiam bem o que o texto queria passar, trabalhamos com textos que falavam sobre os diversos tipos de moradias e outro sobre os diversos tipos de escolas e as crianças traziam muitas contribuições e participavam e interpretavam bem as histórias. Trouxemos discussões sobre diversidade e respeito ao próximo também através da leitura de textos, sempre instigando a exposição do entendimento e foi possível perceber o envolvimento das crianças.

Outra atividade desenvolvida foi para que depois de termos lido um texto nós o desmontamos e pedaços separados em parágrafos, e as crianças iam lendo e compreendendo qual era início, qual parágrafo que era sequência do outro e foram lendo e construindo o texto em duplas, todos conseguiram concluir.

Em geral, todas as atividades propostas tiveram um bom resultado e possibilitaram discussões, reflexões e participações das crianças, a maioria era muito comunicativa e isso não foi um problema, a dificuldade de leitura, escrita e interpretação foi uma dificuldade, mas conseguimos propor atividades que trabalhavam esses desenvolvimentos.

Considerações finais

Diante do que foi discutido, compreendemos a importância do estágio na formação e as contribuições para um professor reflexivo, tendo em vista o estágio como pesquisa e utilizando desse momento para construir um conhecimento e sua práxis pedagógica. O Estágio III foi muito importante para a nossa formação e possibilitou refletir sobre muita coisa no espaço da educação.

Os pontos positivos vivenciados nesse estágio foram os trabalhos com a leitura e produção, as crianças participaram muito, contribuíam para a discussão e desenvolviam com criatividade e entusiasmo, todavia que os pontos negativos se deram nas dificuldades de alfabetização que ainda enfrentam, como não compreenderem o que lêem com clareza e alguns não serem totalmente alfabetizados.

Trabalhar com alfabetização e letramento foi muito enriquecedor, pois possibilitou realizar as atividades de leitura e escrita, mas de uma forma diferente que levou em conta a interpretação e a voz das crianças, suas opiniões sobre determinados assuntos, instigando-as a participar, compreender e dizer o que pensam, se expressar, produzir textos, enfim, não só codificar e decodificar, mas refletir e compreender sobre o que se está escrevendo e lendo.

A partir da pesquisa em estágio III: anos iniciais do ensino fundamental pudemos compreender que para alfabetizar é necessário refletir e compreender as relações por trás desse processo. A partir das dúvidas que tivemos, elaboramos um projeto, intervimos e trouxemos as reflexões e indagações para o espaço de discussão de formação e construção do conhecimento científico, que é a universidade.

A prática do estágio trouxe significativas contribuições para nosso saber, foi uma possibilidade de amadurecimento tanto pessoal, quanto profissional, pois ao nos relacionarmos com pessoas anteriormente desconhecidas foi preciso colocar em prática a ética, o respeito e a interação com os demais profissionais para o bom desenvolvimento no ambiente escolar. O estágio, desse modo, possibilitou-nos não somente na compreensão das teorias estudadas, mas principalmente no campo da análise e reflexão acerca da prática, através de uma reflexão na qual pudemos refletir sobre o nosso fazer docente, desenvolver as aprendizagens adquiridas durante nossa formação, de forma a lidar com as diferentes situações que acontecem nos espaço educacional.

Referências

ARAÚJO, M. C. C. S. **Perspectiva histórica da alfabetização**. Viçosa: Imprensa Universitária, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: a apropriação do sistema de escrita alfabética e a consolidação do processo de alfabetização**: ano 2: unidade 3/Ministério da educação, Secretaria de educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. – Brasília: MEC, SEB, 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares nacionais**. Educação Fundamental- Língua Portuguesa: 1ª a 4ª série. Brasília: MEC/SEF. 2007

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: Acesso em: 15 out. 2018

FERREIRO, E. TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 1989.

KATO, Mary. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. São Paulo: Ática, 1986.

LAKATOS, Eva Maria. MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LIBÂNEO, José Carlos. A avaliação escolar. In. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

LOPES, I. de A. **Cenas de letramentos sociais**. Recife: UFPE/CAC, 2004.

MORTATTI, M.R.L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil**. Conferência proferida durante o Seminário "Alfabetização e letramento em debate", 2006. Disponível em: Acesso em: 07out. 2018.

PIMENTA, Selma Garrido. LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**: diferentes concepções. Volume 3. Revista Poésis, 2005/2006.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVEIRA, Denise Tolfo. GERHARDT, Tatiana Engel. Org. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização**: as muitas facetas. Trabalho apresentado na 26ª Reunião Anual da ANPED, Minas Gerais, 2003.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

SOBRE O(A/S) AUTOR(A/S)

Thaís Montalvão Pereira

Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia, Campus XVII, Bom Jesus da Lapa. Email: thais99mp@hotmail.com

Maria Eduarda Cardoso Seixas Souza

Graduanda do curso de Pedagogia na Universidade do Estado da Bahia, Campus XVII, Bom Jesus da Lapa. Email: mariaeduardacardoso940@gmail.com

Gisele Ferreira De Amorim

Especialização em Educação Especial e Inclusão Social, FACEI, Graduada em Letras e Pedagogia pela UNEB- Universidade do Estado da Bahia, Professora da UNEB-Universidade do Estado da Bahia, DCHT, CAMPUS XVII, BOM JESUS DA LAPA- BA; E-mail: gisele_ksgl@hotmail.com

Susane Martins da Silva Castro

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Especialista em Educação à Distância, Graduada em Pedagogia pela UNEB- Universidade do Estado da Bahia, Professora Substituta na UNEB - Universidade do Estado da Bahia, DCHT, CAMPUS XVII, BOM JESUS DA LAPA- BA; E-mail: susanemartinsc@outlook.com